

Cultura urbana ocupa espaço político entre a juventude do Grande ABC

Crescimento de investimento público e de movimentos periféricos colocam hip hop e coletivos no centro do debate regional

FELIPE DELMONDES

Especial para o Diário
felipedelmondes@dgabc.com.br

Especialistas e políticos apontam que o hip hop e os movimentos de rua se consolidaram como espaços de formação crítica fora da política tradicional. Enquanto jovens criticam a aproximação de parlamentares apenas em períodos eleitorais para cooptação de votos, as batalhas de rima expandem sua atuação além de praças e pistas de skate do Grande ABC. Recentemente, a cena cultural periférica consolidou sua influência direta na construção da opinião da nova geração regional sobre desigualdade social, identidade e pertencimento coletivo.

De olho nesse movimento, as prefeituras têm ampliado o investimento em cultura. Em Mauá, os recursos da Secretaria de Cultura saltaram de R\$ 8,9 milhões em 2022 para R\$ 19,7 milhões em 2025. Diadema acompanha a tendência com a projeção de R\$ 22,3 milhões para a Pasta em 2026. Já Ribeirão Pires registrou R\$ 818,8 mil em investimentos diretos ao longo de 2024, valor somado a R\$ 1 milhão captado via Lei Paulo Gustavo para o financiamen-

to de 51 projetos locais.

As prefeituras afirmam ainda ter ampliado políticas voltadas à descentralização territorial, fortalecimento de coletivos culturais e incentivo às expressões artísticas urbanas. Entre as ações citadas estão rodas de improviso, sa-raus, oficinas, editais culturais, eventos ligados ao hip hop, graffiti e apoio a coletivos independentes.

Em Santo André, a Prefeitura destacou iniciativas como o Mês do Hip Hop, o projeto Polifonia Urbana e editais com pontuação adicional para projetos ligados a territórios periféricos. Ribeirão Pires informou que os editais vêm sendo construídos com participação de agentes culturais e coletivos locais por meio de consultas públicas e escutas com a comunidade artística.

Para o professor de filosofia da UFABC (Universidade Federal do ABC) Hugo Allan Martins, a aproximação entre cultura e debate público é inevitável dentro das periferias urbanas. "Não há separação entre cultura e política. Manifestações culturais periféricas historicamente funcionam como ambientes de socialização, organização coletiva e circulação de consciência crítica entre moradores mais novos."



GRAFFITI. Expressões culturais das ruas assumiram protagonismo nos debates sociais contemporâneos

Allan avalia que o fortalecimento da produção cultural das periferias ampliou o acesso da população jovem a debates sociais e institucionais fora das estruturas formais. "A cultura, quando se populariza, garante um acesso que o Estado não o faz. Parte dessa geração (de jovens) passou a se reconhecer socialmente também por meio da arte produzida nas ruas e periferias."

Destaque entre as lideranças jovens da política brasilei-

ra, o deputado federal Kim Kataguiri (Missão) aponta a cultura pop e a internet como influências determinantes em sua trajetória pública. O parlamentar afirma que a direita passou a ocupar espaços digitais e de linguagem jovem antes dominados por setores progressistas. "A juventude se afastou da política tradicional porque ela se tornou artificial, burocrática e distante da realidade", declara.

Segundo Kataguiri, criado-

res independentes e influenciadores passaram a dialogar de maneira mais eficiente com os jovens do que partidos e estruturas tradicionais. O parlamentar também critica o uso ideológico de eventos culturais financiados pelo poder público e defende políticas culturais sem direcionamento partidário.

Já o vereador de São Bernardo Ananias Andrade (PT) avalia que a cultura periférica ocupa hoje um papel central

na formação crítica da juventude justamente por funcionar como ambiente de expressão coletiva e construção de identidade. "A maior fronteira em disputa no mundo é a cultura. Quem domina a cultura domina o sujeito", pontua.

O professor de direito e sociologia da Universidade São Judas Irineu Bagnarioli afirma que manifestações culturais periféricas passaram a ocupar também um papel de pertencimento, identidade territorial e discussão social entre moradores mais novos da região. Para o docente, transformações urbanas e econômicas alteraram as formas tradicionais de participação institucional no Grande ABC. "Rap, hip hop, slam e trap passaram a funcionar também como ambientes de expressão social e identidade territorial", destaca.

Para o professor, o crescimento institucional dessas manifestações ainda convive com dificuldades estruturais de financiamento e continuidade. "Muitas iniciativas culturais periféricas acabam dependendo de mecanismos pontuais de financiamento, o que dificulta planejamento de longo prazo e consolidação dessas ações como políticas permanentes", diz.

A influência da cultura urbana sobre a nova geração também passou a mobilizar diferentes campos ideológicos. A vereadora de São Caetano Bruna Biondi (Psoel) afirma que batalhas de rima e sa-raus funcionam como ambientes de resistência e convivência coletiva nas periferias. "Nas batalhas se encontra uma cultura de paz."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política Pagina: 6